

Educação ambiental: perspectivas de cidadania e inclusão do projeto “Pequenos Guias do Bosque da Ciência - INPA”

ANDERSON JOSÉ FERREIRA DE OLIVEIRA
ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA
Secretaria Municipal de Educação e Cultura
de Manaus SEMED/Manaus, Amazonas, Brasil

Introdução

Desde muito tempo escutamos que é necessário salvar a Amazônia, porém, em virtude das pressões do mercado globalizado e das novas necessidades de consumo, os recursos naturais vêm se tornando o grande alvo deste mercado, provocando o desmatamento e criando condições desfavoráveis para a vida. A região amazônica vê suas riquezas serem dizimadas e, como consequência, o aparecimento de problemas climáticos, secas e uma série de fenômenos naturais que acabam se refletindo no país.

O problema das invasões de terras no Manaus decorre de um grande êxodo de áreas rurais, local e de outros Estados, sendo decorrente de diversos problemas socioeconômicos que afligem a população, em virtude das diversas políticas econômicas aplicadas no país e, de acordo com levantamentos censitários do IBGE (Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística), Manaus foi o município brasileiro que mais cresceu nas últimas décadas. Em 1970, tinha 314 mil habitantes; em 1980, aumentou para 642 mil; em 1991 chegou 1 milhão e, hoje, a cidade tem aproximadamente 1 milhão e 600 mil habitantes, com uma taxa média geométrica de crescimento anual de cerca de 3,75% (DIÁRIO DO AMAZONAS, 2001).

E em virtude destes dados, pode-se presumir que a velocidade de desmatamento e degradação ambiental é devastadora numa cidade que não tem sistema de saneamento básico e um elevado número de habitantes/m². Desse modo, a educação ambiental passa a ser um dos instrumentos mais importantes e capazes de sensibilizar a população, de forma que ela possa entender a importância da preservação ambiental, tendo como consequência a melhoria da qualidade de vida.

Em virtude do processo de invasão que se instalava na área do campus do INPA, em que a comunidade se mostrava conivente com a ocupação e a depredação do local, com o intuito de construir moradias, devido às questões de pressão social e sobrevivência para aquela população

Revista Iberoamericana de Educación

ISSN: 1681-5653

n.º 50/2 – 15 de agosto de 2009

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



local, a Instituição iniciou a uma série de reuniões com a comunidade visando à proteção da área (HIGUCHI, 2003).

A construção do Bosque da Ciência e criação dos pequenos guias

O INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) criou o “Bosque da Ciência”, em 1994, juntamente, com o projeto “pequenos guias”, de modo a oferecer uma forma de reconhecer o potencial cultural local, a socialização e integração das crianças com a comunidade, capacitando-as e fazendo-as perceber as potencialidades da floresta amazônica e a importância para a sua vida, para o bairro e para a cidade de Manaus, capital do Amazonas (Figura 1).

FIGURA 1

Vista aérea do INPA e bairros do entorno (foto: M.I.G. Higuchi)



Segundo DE OLIVEIRA (2003), a questão social está intimamente ligada a estas ações, com as invasões de terra na cidade de Manaus criando bairros irregulares e sem nenhuma infra-estrutura de saneamento, saúde e educação. Para mudar esse quadro é necessário que o ser social esteja sintonizado com os meios que permite conduzi-lo pelos caminhos da razão. Tudo isso tem uma origem comum: a educação, não que ela seja a solução de todos os problemas, mas é o instrumento essencial para que o ser humano possa estar e se sentir inserido na sociedade, tornando-se um ser social. Sem isso, o ser humano se encontrará à margem de todo o processo contínuo de evolução da sociedade e como ser social.

Na atual sociedade globalizada, diante dos avanços tecnológicos no cotidiano, nos setores de produção e com as pressões de mercado externo sobre a economia nacional, os fatores socioeconômicos e políticos influenciam de forma direta e perigosa a questão social, que vem se

tornando o tópico mais importante em qualquer pauta governamental, pois todas as decisões governamentais repercutem direta ou indiretamente na vida social da população brasileira.

Segundo RIBEIRO (1999), o conceito de exclusão social é um conceito bastante plástico dentro da questão social. Pode ser definido, como um processo de segregação justificada sob diferentes motivações, sejam elas, por questões políticas, étnicas, econômicas, religiosas, etárias, entre outras. A partir dessa ótica, o indivíduo necessita cada vez mais estar sintonizado com as mudanças impostas à sociedade, pelas necessidades do mercado globalizado, de modo a não ficar à margem dessa mesma sociedade.

Os processos de exclusão parecem ser os mais devastadores, gerando toda forma de problemas sociais e criando, na realidade brasileira, os não-empregáveis e os "subempregáveis" (RIBEIRO, 1999), que não conseguiram acompanhar as demandas impostas pelo mercado, ou aqueles, apesar de muito bem qualificados, acabaram sendo colocados de lado devido à idade mais avançada, sob o pretexto de não terem mais a dinâmica que o mercado exige. Com isso, o que nós vemos é um aumento da pobreza, tendo como consequências, salários aquém da qualificação, violência, baixa qualidade de vida, devido às péssimas condições de moradia e saúde, em virtude da degradação ambiental gerada a partir da derrubada de áreas verdes sem o mínimo planejamento e infraestrutura.

Preceitos da legislação na educação e cidadania

Considerando que o processo de exclusão social passa pela falta de oportunidades, em virtude do baixo nível escolar e cultural das camadas sociais menos abastadas, a Constituição Brasileira assegura em seu Art. 205 que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1999, p. 116).

Desta forma, fica subentendido que toda e qualquer pessoa tem seu direito garantido.

Esse direito é reafirmado na Lei n.º 9394/96 (LDB), nos Artigos. 1.º e 2.º do título I: Da EDUCAÇÃO, que dispõe:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1997, p. 7).

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo trabalho e a prática social. (BRASIL, 1997, p. 7)

Art. 2º. "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (BRASIL, 1997, p. 7).

Portanto, a legislação além de assegurar o direito de acesso indiscriminadamente, também preconiza que a mesma tenha por finalidade o preparo do indivíduo para o exercício da cidadania. E de acordo com MORAIS (1996, p. 141),

“A educação é um momento de exercitação psicossocial da cidadania e do exercício político dos mecanismos e dos instrumentos de sua afirmação. Na sociedade contemporânea, nas culturas grafológicas de um universo de produção industrial, a escolaridade tornou-se, historicamente, uma das portas principais da entrada da cidadania. O acesso universal à escola já foi superado na evolução das sociedades modernas. Não se trata mais, apenas, de assegurar a educação para todos, mas de garantir as mesmas condições de qualidade, no acesso e na permanência produtiva dos alunos na escola”.

Assegurar a cidadania perpassa, portanto, pelo acesso e permanência do indivíduo na escola, a qual como instituição social, tem, entre outros, o papel de fixar os valores e ideais, influenciando as modificações comportamentais dos indivíduos. No entanto, não é somente a escola, a responsável pela educação cidadã, associações de moradores, ONGs e outras instituições públicas ou privadas podem ter importante papel na educação formal e não formal, com vistas à cidadania (de Oliveira, 2003).

De acordo com a Lei Nº 9.795/99, que rege a Política Nacional de Educação Ambiental, a educação ambiental é uma das premissas básicas para que a pessoa exerça sua cidadania. Por meio dela podem ser construídos valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo. A consciência ecológica emerge a partir de situações simples do cotidiano, e possibilita lidar com questões complexas que envolvem toda a coletividade.

Preceitos da educação ambiental

Para Medina (1997), a educação ambiental definida como um processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do meio ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição crítica e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado visa à construção de relações sociais, econômicas e culturais capazes de respeitar e incorporar as diferenças.

Na esfera da educação, segundo a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental de Tbilisi (1977), a educação ambiental é o resultado de uma orientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitam a percepção integrada do meio ambiente, tornando possível uma ação mais racional e capaz de responder às necessidades sociais.

REIGOTA (1997) considera a educação ambiental como uma proposta que altera profundamente os moldes da educação atual, por se tratar de uma educação que tem em mira não só a utilização racional dos recursos naturais, mas também, a participação nas discussões sobre a questão ambiental. Devendo a educação ambiental estabelecer um elo entre a humanidade e a natureza, que não seja sinônimo de autodestruição, porém, estimulando a ética nas relações

econômicas, políticas e sociais, que se baseie no diálogo entre gerações e culturas, na busca da tripla cidadania: local, continental e planetária, e da liberdade no sentido mais amplo da palavra, tendo implícita a perspectiva de uma sociedade mais justa em todos os níveis socioeconômicos.

Segundo REIGOTA (1997), a educação ambiental tem sua história e realização a partir da concepção de meio ambiente, porém, sob o ponto de vista científico ou sob o ponto de vista de uma representação social? O conceito científico é definido como termos entendidos e universalmente utilizados como tais. Sob o ponto de vista da representação social, o meio ambiente é definido como:

"O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído".

Nesse contexto, a educação ambiental também deve ser considerada como uma educação política, de modo a fortalecer o seu papel de educação crítica aos sistemas autoritários, tecnocráticos e populistas, na busca e construção de alternativas sociais, baseadas em princípios ecológicos, éticos e de justiça, para as gerações atuais e futuras (REIGOTA, 1997).

Estes princípios, implícitos nos PCN's estabelecem o caráter obrigatório, o estudo de determinados temas denominados de "transversais", caracterizados como sendo de interesse social local, regional, nacional, nacional e mundial, que nesse trabalho destacamos a ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural.

E segundo o Ministério da Educação, os temas transversais objetivam fortalecer o compromisso com a construção da cidadania, a qual exige necessariamente uma política educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental (MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1997).

Para Silva & Smmarco (2004), muito se tem discutido sobre os métodos de como trabalhar a educação ambiental e que, o academicismo muitas vezes emperra o processo dinâmico das atividades, esquece-se, entretanto, que se trata de priorizar a educação para e com o ambiente, de maneira simples e prazerosa, facilitando a sensibilização ambiental.

Silva & Smmarco (2004) destacam a necessidade premente de se discutir e criar métodos que trabalhem diferentes públicos, a partir de atividades que relacionem temas educativos de forma lúdica, abordando temas atuais e reais de modo espontâneo, prazeroso de aprender, de forma que a participação ativa dos processos relacionados à conservação e restauração do ambiente natural, à valorização e ao resgate das culturas tradicionais deve ser consequência do estímulo de uma consciência corporal/ ambiental, de modo a entender conceitos, discutir e construir valores.

Contextualizando Silva & Smmarco (2004), o lazer ambiental propõe trabalhar de forma integral o contato e todos os sentidos, no âmbito do corpo, da mente e do espírito, facilitando uma maior proximidade do ser humano com a natureza. Desse modo, o lazer ambiental busca refletir sobre as interações entre os seres humanos e a natureza, proporcionando o interesse pelas atividades de cunho ambiental, através de práticas lúdicas, cooperativas, ecológicas e de

sensibilização em ambientes naturais, visando proporcionar a reflexão interpessoal, pessoal e ambiental.

Critérios do projeto

Inicialmente, o projeto tinha como critérios para a inscrição, crianças com idade entre 9 e 15 anos, além do comprovante de matrícula da escola, sem distinção de série cursada. Posteriormente, os critérios foram revistos e a faixa etária foi reduzida de 10 a 13 anos de idade e as crianças deveriam ter cursado, no mínimo, a 3ª série do ensino fundamental. Esses critérios perduram até hoje e se fundamentaram na necessidade de criar uma homogeneidade no grupo de forma a tornar possível uma direção pedagógica mínima (HIGUCHI, 2003). Além destes critérios citados, o acompanhamento escolar foi e ainda é uma condição importante e, no ato da inscrição, a cópia do boletim é apresentada de modo a servir como parâmetro para a continuidade no projeto.

O projeto contou inicialmente com a parceria da Prefeitura da Cidade de Manaus, que oferecia bolsas em dinheiro, como ajuda de custo para os pequenos guias. Porém, a mesma foi cortada, a pedido do grupo gestor do projeto (GPEA), devido aos constantes atrasos na distribuição das bolsas e ao mal-estar entre os pais das crianças e o INPA, pois consideravam a bolsa como “um salário”, de modo que os pais proibiram os filhos de participarem das atividades quando a bolsa estava em atraso, numa tentativa de fazer greve ao projeto, entendendo que eles eram de certa forma funcionários do INPA. A partir de um convênio com renomado curso de idiomas, o projeto ainda contemplava a cada período, dez pequenos guias, que se destacassem na sua atuação, com bolsas integrais para cursar as aulas de inglês.

Metodologia

Os sujeitos desta pesquisa foram 16 pequenos guias e 8 ex-guias do projeto, com faixa etária entre 14 e 19 anos do “Vale do Amanhecer”, os quais foram entrevistados e responderam a questionários semi-estruturados.

Utilizou-se, também, a análise documental, com relação ao aspecto sócio-ambiental, existente sobre o Projeto “Pequenos Guias do Bosque da Ciência” e dados censitários de Manaus, de forma a verificar as condições de adequação do mesmo, entre a sua concepção teórica e sua execução prática.

Foram realizadas visitas à comunidade, para investigação da melhoria das condições socioambientais, com posterior comparação com quadros anteriores à implementação do Projeto do Bosque da Ciência.

Resultados

Os ex-pequenos guias são todos alunos que frequentaram o ensino fundamental e médio nas escolas públicas do entorno do Bosque da Ciência, durante o período em que atuavam como guias e moravam com os pais. E do ponto de vista desses jovens, alguma coisa mudou com relação à qualidade de vida do bairro após a criação do Bosque da Ciência. O fato de terem sido pequenos guias corroborou para que essa mudança ocorresse, além de se sentirem como agentes sensibilizadores na comunidade e para os visitantes, sobre as questões relacionadas à preservação do ambiente e da floresta amazônica (Tabela 1).

Os ex-guias entrevistados revelaram, ainda, que seus pais, apesar da baixa escolaridade de alguns, se orgulham dos filhos terem sido pequenos guias e que ainda hoje aprovam a sua participação no Projeto, por acharem que o mesmo traz benefícios para as crianças e adolescentes, afastando-os da violência e das drogas, mostrando um caminho melhor, em virtude da convivência com pessoas mais esclarecidas. Eles ainda admitiram que a convivência em suas casas, mudou muito em termos de saúde, higiene e respeito pelo meio ambiente. Afirmaram ainda, que a qualidade de vida das suas famílias e da comunidade apresentou melhorias em virtude da presença e atividades criadas pelo bosque (Tabela 1).

TABELA 1

Dados sobre o perfil e percepção dos ex-pequenos guias do Bosque da Ciência

IDADE	ESCOLA		MORA COM PAIS		O GUIA SENSIBILIZA AS PESSOAS		O BOSQUE AJUDOU A QUALIDADE DE VIDA DA FAMÍLIA E COMUNIDADE	
	Public.	Partic.	sim	não	sim	não	Sim	não
19	x		x		x		X	
15	x		x		x		X	
16	x		x		x		X	
17	x		x		x		X	
14	x		x		x		X	
18	x		x		x		X	

Os ex-pequenos guias são pessoas oriundas de famílias humildes e que, hoje, estão de certa forma engajados ao projeto, participando de sua 3ª fase, ou fase da participação cidadã, que participam de programas voluntários em casas de repouso para idosos, orfanatos e fundações de apoio às crianças com necessidades especiais, entre outras. Todos, sem exceção, estão se preparando para o vestibular ou já estão cursando um curso universitário.

Os relatos a seguir, ilustram bem as condições de vida da população do Vale do Amanhecer e a influência desses jovens na sua comunidade.

“Eu gostei muito de participar do projeto, porque eu me sentia útil e importante, informando e mostrando para as pessoas sobre as belezas da nossa terra e também, a importância de preservarmos o meio ambiente e a floresta amazônica, principalmente para os turistas que vinham visitar o bosque”. (L.S.R., 16 anos)

“Nossos vizinhos nos respeitavam por sermos guias do bosque. A gente tinha muito cartaz. Até hoje. Eu acho que eu e muitos colegas que foram guias, ajudaram a mudar um pouco a história do nosso bairro”.(R.S.S, 18 anos)

“...Meu pai é deficiente físico e trabalha num órgão da saúde e minha mãe tem uma borracharia”. (I.M.R.R., 19 anos)

“...Meu pai tem o 2.º grau, mas a mamãe ainda não. Ela está fazendo o ensino acelerado do SESI-EDUCA. Eu sei que ela em três meses não aprende muito, mas a gente dá uma força para ela estudar, porque com 44 anos ela fica meio desestimulada”. (R.S.S, 18 anos).

“...Aprendi a me relacionar melhor com meus colegas. Meu jeito de ser, e passei a dar mais valor à natureza e às pessoas. E meus pais sempre acharam legal essa relação com o pessoal do INPA”. (R.S.S., 17 anos).

“...Eu tenho influenciado bastante em casa e com meus vizinhos... Minhas irmãs de 16 e 19 anos também participam do Projeto, só que minha irmã mais velha está um pouco mais distante, porque ela está fazendo cursinho pré-vestibular”. (M.P., 14 anos).

“...A nossa família se orgulha muito de termos participado do Projeto, inclusive três primos meus participaram do Projeto, só que hoje dois estão afastados por causa do trabalho e da faculdade. Minha prima está cursando turismo na UEA e outro, menor, está na 2.º fase do Projeto”. (R.S.S., 18 anos).

“...Alguma coisa mudou, pelo menos lá em casa. Um exemplo é que a mamãe desperdiçava água, e naquele tempo eu tinha uns 10 anos e falei para ela que a água estava acabando e que não devia deixar a torneira aberta. Aquilo tocou ela. Olha só um menino de 10 anos falando essas coisas! Um outro exemplo foi com o lixo. Antigamente lá em casa, não passava o caminhão de coleta e os vizinhos jogavam o lixo no terreno vazio. Então eu falei com minha mãe e ela falou com um vizinho. Então eles se reuniram e fizeram abaixo assinado para a prefeitura e depois começou a passar o caminhão de coleta lá em casa... Meu comportamento melhorou um pouco, depois que eu entrei para o Projeto. Antes eu era peralta.” (T.L.A.S., 17 anos).

A melhoria nos fatores relacionamento e rendimento escolar foi unanimidade nas respostas dadas pelos ex-guias.

Avaliando a percepção e o perfil dos atuais pequenos guias entrevistados, pudemos constatar que diferentemente de seus antecessores, 33,3% dos entrevistados são pertencentes a famílias de pais separados, mães solteiras, ou viúvas e que moram com a mãe. 66,6% moram em famílias com pai e mãe (Tabela 2).

Os atuais pequenos guias, também são alunos do ensino público, cursando o ensino fundamental. E cerca de 90% dos guias, acham que têm uma grande importância na influência da mudança da visão sobre a preservação da natureza, com as pessoas que visitam o Bosque da Ciência, turistas locais ou de outras praças. (Tabela 2).

TABELA 2
Dados sobre o modo de vida e percepção dos atuais pequenos guias

IDADE	ESCOLA		MORA COM PAIS		O QUE ACHA DO AMBIENTE DE SUA ESCOLA			O TRABALHO COMO GUIA AJUDA A MUDAR A VISÃO DAS PESSOAS		O QUE ACHA DO ENSINO MINISTRADO EM SUA ESCOLA			
	Public.	Partic	pai e mãe	um ou outro	bom	regular	ruim	sim	não	ótimo	bom	razoável	ruim
13	x		x				x		x				x
14	x			x**	x			x		x			
14	x			x**	x			x			x		
12	x		x		x			x		x			
14	x		x			x		x			x		
13	x			x*		x		x				x	
12	x			x**	x			x			x		
13	x		x		x			x		x			
12	x		x		x			x				x	
13	x		x		x			x		x			
13	x		x		x			x		x			
12	x		x		x			x		x			

* Mãe viúva, ** Pais separados, e moram com a mãe.

Em relação à qualidade do ambiente escolar, considerando que as escolas que estudam, 75% afirmam que é de boa qualidade, 16,6% classificaram como regular e 8,3% classificaram como ruim. Os principais motivos estão relacionados à questão do estado de conservação e estrutura da escola, além do fato de que o teto das escolas na cidade serem de forro com telhas de fibras, o que cria certo desconforto térmico, em virtude de a cidade de Manaus ter como características, temperatura e umidade relativa do ar elevadas, dificultando um melhor rendimento dos alunos. Os relatos abaixo evidenciam um pouco essa questão da qualidade do ambiente escolar.

“...Eu gosto de estudar e eu tenho ótimos amigos e professores que me ajudam muito”. ...”mas falta uma quadra melhor, pois a nossa está esburacada e não tem telhado, fica muito quente. Aí o professor leva a gente para fazer educação física no pátio”. (P.R.A.O., 14 anos).

“...A escola é boa, mas muitas das vezes tá um pouco suja, não por falta de ter pessoas para limpar, porque eles deixam tudo limpo antes da gente chegar. Mas como dizem, os alunos mesmos é que acabam com a escola”. (M.C.M.O., 14 anos).

“...Mais ou menos. Poderia melhorar um pouco mais as salas e a quadra”. (M.N.S., 13 anos).

“Sim, mas a escola teria que colocar ar condicionado e mandar ajeitar as portas”. (J.S.B., 12 anos).

No que diz respeito ao ensino ministrado na escola, 50% dos pequenos guias consideraram o ensino como sendo ótimo, 25% consideraram ser de boa qualidade em virtude de algumas restrições,

enquanto que 16,7% consideraram o ensino como regular e 8,3% consideraram como ruim (Tabela 2).

92% do guias atuais acharam que o trabalho que eles realizam ajuda na mudança de hábitos e atitudes das pessoas que visitam o Bosque da Ciência (Tabela 2).

Ser pequeno guia também foi considerado fator de melhoria no convívio e na compreensão de outros fatos, onde o fator relatado como mais importante, além do conhecimento, foi aprender a se expressar melhor, trabalhar em grupo e conviver melhor com o próximo.

Com relação às atividades elaboradas dentro do âmbito do Projeto, os entrevistados afirmaram gostar muito e que lhes propiciam benefícios, de acordo com alguns relatos abaixo:

“...É bom! A gente faz passeios, se diverte, brinca, conversa, aprende a se expressar e a conversar com as pessoas”. (M.C.M.O., 14 anos).

“...Ótima, porque ajuda a gente a conviver em grupo”. (P.R.A.O., 14 anos).

“...Acho legal, muito educativas e aprendo mais”. (R.H.M.C., 13)

Assim como ocorreu com os ex-guias, os atuais guias revelaram que o convívio com os colegas da escola e da localidade onde moram melhorou bastante, depois que entraram para o projeto, principalmente na escola, pois estes também participam ativamente ajudando os colegas da sua e de outras classes, na hora de tirar algumas dúvidas sobre alguns dos assuntos ministrados em sala de aula, principalmente em Ciências.

Estes pequenos jovens, já demonstram ter certa visão de mundo e da importância das questões ambientais e sociais para o seu futuro e de sua comunidade, apresentando valores sociais bem definidos.

“...Eu tenho muitos sonhos para o meu futuro. Sonho em fazer a faculdade de medicina, terminar meus estudos, trabalhar e ajudar os meus pais”. (M.C.M. O., 14 anos).

“...Primeiro eu quero terminar meus estudos, fazer faculdade de biologia e Engenharia florestal e ser feliz. Ter uma família, paz, amor e poder ajudar as pessoas e ter vários amigos”. (P.R.A.O., 14 anos).

“...Meu sonho. Eu pretendo ser médica ou professora e ajudar a quem precisa”. (M.M.S., 12 anos).

Discussão

Pode-se notar que a criação do bosque da Ciência e o Projeto Guias Pequenos não só promoveu uma mudança em nível comportamental e cognitivo das crianças, mas também, proporcionou uma melhora na forma de se relacionar com outras pessoas e no rendimento escolar. Elas ficaram mais responsáveis, podendo ser considerados como indivíduos diferenciados socialmente, em relação aos seus amigos.

Outro fato a ser observado neste trabalho, diz respeito à forma como os pequenos guias se expressam. Apesar de serem crianças na faixa etária entre 12 e 14 anos, apresentam bom vocabulário, boa dicção, desembaraço com as palavras e desinibição no modo de se comunicar. Fato que pode ser atribuído ao trabalho realizado pelos responsáveis do projeto e pelo contato diário com pessoas de diversas faixas etárias que visitam o bosque, além é claro das atividades diárias na escola. Os aspectos citados acima, não fazem parte da realidade da maioria dos estudantes dos bairros mais pobres de Manaus, principalmente nesta faixa etária, em virtude de muitos problemas de ordem familiar e social, que acabam por se refletir no rendimento e na qualidade do aluno.

Os atuais guias afirmaram que em virtude dessa mudança de atitudes, principalmente na escola, eles são vistos como líderes pelos colegas e professores, por causa de suas notas e do entusiasmo com que realizam os trabalhos escolares com os colegas. E já demonstram ter certa visão de mundo e, principalmente, da importância das questões ambientais e sociais para o seu futuro e de sua comunidade, apresentando valores sociais bem definidos.

Entre os ex-guias, alguns ainda participam de projetos de extensão junto à organização do Projeto, com roda de leitura em instituições para-filantrópicas com crianças e idosos. E muitos deles acabaram influenciados pelo projeto e por toda a estrutura oferecida que continuaram seus estudos dentro de áreas que tivessem alguma relação com as atividades exercidas por eles (não computado).

A criação do Bosque, também propiciou uma fonte importante de lazer para a própria comunidade, porque se ressurte de um lugar para caminhar, entre outras atividades. Além do que, outras áreas públicas ficam situadas em bairros mais distantes.

Porém, a proposta inicial da criação do bosque da Ciência e do Projeto Pequenos Guias apresentou resultados positivos. Muitos dos jovens que passaram pelo projeto estão, de algum modo, inseridos de forma mais ativa e crítica na sociedade. E se não fosse o projeto, talvez eles não tivessem perspectivas sobre a melhoria de vida, em virtude do meio em que vivem.

Bibliografia

- BRASIL (1999): *Constituição da República Federativa do Brasil* (São Paulo, Ed. Saraiva).
- (1977): *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental. Tbilisi, CEI, de 14 a 26 de outubro* (disponível na INTERNET, [www.url: http://www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)).
- (1997): *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n.º 9394/96* (Brasília, Subsecretaria de Edições Técnicas).
- (1999): *Lei n.º 9.795, DE 27 de abril DE 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental* (disponível na INTERNET, [www.url: http://www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)).
- FERREIRA DE OLIVEIRA, Anderson José (2003): *Environmental education: citizenship perspectives and social inclusion of the project "Small Guides of the Forest of the Science - INPA"*. COPPE/UFRJ, Monografia de Especialização de Gestão de Iniciativas Sociais de Administração Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- GASPARETO HIGUCHI, Maria Ines (2003): *Pequenos Guias do Bosque da Ciência*. Manaus, Ed. Rafaela, 127 p.
- MININNI MEDINA, Nana, e SANTOS, Elizabeth da Conceição (1997): *Educação Ambiental para o Século XXI & A Construção do Conhecimento: suas implicações na Educação Ambiental* (Brasília, IBAMA), 231 p.
- ELIAS, Marisa del Cioppo (org.) (1996): *Pedagogia Frenet: teoria e prática*. Campinas, Ed. Papirus, Coleção Práxis, 208 p.

- Manaus: *Crescimento Recorde. Diário do Amazonas*, Manaus, 04 dez. 2001. Caderno Geral, p. 3.
- REIGOTA, Marcos (1997): *Meio Ambiente e Representação Social*. 2º Ed. São Paulo. Ed. Cortez, vol. 41. Coleção Questões da Nossa Época, 87 p.
- RIBEIRO, Marlene (1999): *Exclusão: Problematização do conceito*. São Paulo, Educação e Pesquisa, vol. 25, n.º 1, pp. 35-49.
- WEBER SILVA, Fabiano, e SAMMARCO, Yanina Micaela (2004): "O lazer & arte-Educação Ambiental". In: KINDEL, Eunice Aita Isaia (org): *Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas*. Porto Alegre: Ed. Mediação, pp. 57-69.